

RESENHA

CATUNDA, Célia; MISTRORIGO, Kiko. Perdidos no Deserto. **O Show da Luna**. Discovery Kids. Temporada 4. Episódio 8, 2018.

Daniel Péricles Arruda¹

Eh, Cacá, você gosta demais da Luna, hein?! Passei pela sala outro dia e disse isso para minha filha Catharine, de 2 anos e 6 meses. *O Show da Luna* é um de seus desenhos favoritos. Cacá envolve-se totalmente, canta, dança e imita os personagens, é um amor! Trata-se de uma série de animação brasileira desenvolvida por Célia Catunda e Kiko Mistrorigo, lançada em 2014 e é exibida em diversos países.

Outro dia, na intensa dinâmica do trabalho remoto em tempos de pandemia – organização de material, leituras, produções; responder aos *e-mails*; preparar e lecionar aulas; cuidar da supervisão acadêmica de estágio, reuniões, encontros com o grupo de estudos e pesquisas; orientações de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), enfim –, parei para descansar e fui assistir a um episódio com a Cacá. Porém, ainda com a mente voltada para os TCCs, percebi que *O Show da Luna* é um excelente material para refletir e explicar a construção de uma pesquisa.

Com linguagem simples, divertida e educativa, Luna, uma menina de 6 anos de idade, apresenta suas indagações, e, como pesquisadora mirim, esperta, questionadora e curiosa, acompanhada por seu irmão mais

¹ Professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), *campus* Baixada Santista, vinculado ao curso de graduação em Serviço Social e ao Departamento de Saúde, Educação e Sociedade e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Vivências Artísticas, Culturais e Periféricas. É graduado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestre (bolsista do *Ford Foundation International Fellowships Program*, turma de 2010) e doutor em Serviço Social pela PUC-SP. Pós-doutor em Psicologia Social pela PUC-SP. *E-mail*: pericles.daniel@unifesp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8347-8215>

novo, Júpiter, e seu furão de estimação, Cláudio, inicia uma investigação à procura de respostas para suas questões. E é sobre esse panorama que gostaria de compartilhar breve reflexão com vocês, a partir do episódio Perdidos no Deserto, sem a pretensão de *academizar* o desenho, mas com a finalidade de valorizá-lo como um elemento inspirador, explicativo e didático.

Luna e sua família estão fazendo uma viagem turística no deserto montados em camelos, acompanhados por um guia, à procura de um local para acampar. Nesse contexto, Luna pergunta se as pessoas daquele lugar sempre viajam assim, e o guia diz que sim, e que, para seu povo, “[...] os camelos são navios do deserto”, pois são formidáveis em viagens longas, como os navios.

Após se organizarem, Luna manifesta interesse em conhecer o vilarejo. Porém, antes, o guia informa que conhecerão um Oásis (região com água e vegetação, no meio do deserto), que fica em outra direção. Porém, o passeio fica para o dia seguinte, pois o guia diz ser melhor ficar dentro de casa, porque percebe que ventará muito durante a noite. E assim acontece!

No dia seguinte, Luna, Júpiter, Cláudio e o guia tomam o caminho do Oásis. Luna, porém, ao visualizar o deserto, viu que está diferente do dia anterior. E o guia informa que isso sempre acontece, quando venta muito. Apesar da mudança da areia do deserto, o guia ainda *sabe* onde fica o Oásis, mesmo sem ter indicações que os levem até lá. Júpiter o questiona: “Mas, e agora? Você ainda sabe pra onde fica o Oasis?”. E Luna também apresenta suas **problematizações**: “Mas como você sabe?”; “Mas, como, se não tem rua e não tem placa?”; “Como vocês sabem os caminhos no deserto?”; “E os animais?”. E apresenta sua frase marcante: “Eu quero saber! Eu quero muito saber!”. E, na sequência, canta uma canção emblemática do seriado, como se fosse a **introdução** de seu trabalho investigativo:

*Eu quero saber por que o gato mia
Verde por fora, vermelho por dentro: é a melancia
Eu quero saber, não quero dormir
O que tá acontecendo, eu vou descobrir*

O guia, então, afirma lembrar-se de como chegar. E se, por acaso, não tiver certeza, eles poderão seguir o camelo, pois o animal sabe onde tem água, e que nunca vira um camelo perdido. Luna acha interessante, e manifesta interesse em descobrir como os camelos sabem disso; questão que o guia não soube responder. Temos uma **pergunta-problema** de Luna, ou seja: Como os camelos sabem onde tem água? Vejam, o passo inicial da pesquisa de Luna é a indagação, quer dizer, aquilo que a toca, que desperta o seu interesse.

A sua pergunta principal, conseqüentemente, indica o **tema** de sua pesquisa: modos de os camelos se localizarem no deserto, lembrando que o título do episódio analisado se chama Perdidos no Deserto. E toma como **sujeitos da pesquisa** os camelos. O seu **objeto de pesquisa** está voltado para as ações desenvolvidas pelos camelos para saber ou identificar onde tem água. A **hipótese** de Júpiter é que os camelos têm um mapa ou bússola. Já Luna desconfia que os camelos têm boa memória. E, para descobrir a resposta, Luna apresenta um experimento para saber, o que seria os **procedimentos metodológicos**. Ela propõe dar uma volta com os camelos para verificar se ainda sabem o caminho. Isto é, ir a campo, experimentar, observar. Percebe-se que a **justificativa** de sua pesquisa está na importância de descobrir determinadas especificidades dos camelos que possam auxiliar as pessoas a não se perderem; em identificar outros meios para lidar com aquela territorialidade; de como são relevantes os sentidos e as subjetividades para interpretar as cadeias de significantes do deserto.

O cuidado de Luna com a investigação leva a pensar também no **cronograma** de pesquisa em que são apresentadas as atividades a serem realizadas e seus respectivos prazos, pois, como em toda pesquisa, há processos; por ser uma construção, é preciso uma sistematização.

Assim, o **objetivo geral** de Luna é analisar como os camelos sabem onde tem água. Seus **objetivos específicos**, são: aproximar-se da realidade vivenciada pelos animais e observar os seus costumes e sensibilidades. O **referencial teórico** do trio abrange suas *teorias infantis*, conhecimentos que dominam até então. O que, em uma pesquisa acadêmica, seria o diálogo, interdisciplinar ou não, entre os/as autores/as que tratam determinada temática, apresentando suas principais reflexões, os conceitos, as perspectivas.

Refletindo sobre os procedimentos de pesquisa, Luna e seus parceiros identificam ser necessária outra forma, como perguntar para os próprios camelos, tipo, uma **entrevista**. E é aí que, pelo encanto da fantasia e com a finalidade de dialogar com os animais, que Luna, Júpiter e Cláudio, na brincadeira do “faz de conta”, se transformam em camelos, pois, assim, podem conversar e compreender a linguagem dos animais. Detalhe importante, no mundo transformado pela imaginação, é que Cláudio, o furão, fala normalmente. Na realidade, expressa-se de modo *incompreensível*, mas Luna e Júpiter o entendem perfeitamente.

Estando na condição de camelos, continuam a caminhada pelo deserto e são surpreendidos por uma ventania, o que leva Luna a perceber que, por isso, os cílios dos camelos são tão longos. É para proteger da areia. De repente, no meio da ventania, Luna começa a sentir um cheiro diferente, e seus companheiros também. E percebem que se trata do cheiro da chuva, porém, o céu está limpo. Eles continuam a caminhada e

logo encontram o Oásis. Ao chegarem ao local, são cumprimentados por outros camelos e todos nadam e bebem água juntos. Descubrem que camelo sente o *cheiro de molhado*. E que é muito bom beber água no deserto, pois nunca se sabe quando vão encontrar outro Oásis.

De volta ao mundo real, as hipóteses não se confirmaram, no trabalho de campo, porém, nossos pesquisadores descobriram outras coisas e decidem apresentar os **resultados da pesquisa** por meio de um *show* musical para sua família:

*No deserto imenso, aqui é nosso lar
Um calor intenso, muita sede vai nos dar
Longas caminhadas, as nossas jornadas
Parecem não ter mais fim
Ai de você, ai de mim
Eu sinto de repente, nesse deserto quente
Um cheiro de molhado, um cheiro de molhado
O meu nariz tá certo, tem água aqui por perto
Um cheiro de molhado, um cheiro de molhado
E quando vejo o Oásis, água para refrescar
Eu fico feliz, é só seguir o meu nariz
E quando vejo o Oásis, água para refrescar
Eu fico feliz, é só seguir o meu nariz*

Esses são alguns aprendizados, com o “navio do deserto”. Mas Luna não para por aí. Ela quer saber, agora, por que o navio, que é pesado, não afunda. Quer saber se precisa de gasolina para mover-se. Quer saber se é difícil dirigir um navio. Como Luna diz: “Ah, são tantas perguntas!”. E assim os episódios terminam com mais perguntas, o que é importante e necessário para descobrirmos o mundo, as relações, e a si próprio.

Bom, quantos detalhes são possíveis apreender desse desenho, não é verdade? O *Show* da Luna é uma referência lúdica para a construção do conhecimento e descobertas de crianças (e adultos, também!). São aspectos que levam a pensar que o vento também muda a paisagem da pesquisa, pois, geralmente, o vento não vem sozinho e não é neutro. E assim é o deserto, comumente entendido como lugar vazio, mas, quando nos permitimos conhecê-lo, é possível desvendar ou aproximar-nos de seus mistérios, porque o objeto de pesquisa se movimenta e nossas ideias também!

É relevante pensar sobre os valores pessoais e/ou culturais do/a pesquisador/a, ao analisar o seu objeto de pesquisa, ou seja, as **transferências** e as **contratransferências**. E como é importante o papel do guia, como se fosse o orientador da pesquisa, que acompanha o outro em seu processo investigativo e que, pela sua experiência e análise, alerta seus orientandos sobre os perigos do lugar, das ventanias. Sentir o cheiro

da água também é libertador, ao despertar a alegria de quem está com sede.

De modo geral, Luna deixa construções relevantes: Que é preciso vontade, escuta, humildade, sensibilidade, comprometimento, ética, parceria e organização, para pesquisar. Isto é, é preciso pesquisar com a curiosidade de uma criança!

E a Cacá? Pois é, o desenho para ela é uma importante referência para o seu desenvolvimento. Espero que, daqui a alguns anos, ela possa ler este texto e descobrir o que aprendi junto com ela!